

# TABULEIRO DE CARNE E SANGUE



## SUSSURRADOR MACABRO

# TABULEIRO DE CARNE E SANGUE

## SUSSURRADOR MACABRO

TABULEIRO DE CARNE E SANGUE

SUSSURRADOR MACABRO

New Orleans, 1931. A cidade pulsava com uma vida cheia de musica e segredos. Nos becos, o jazz dançava com a escuridão, mas as margens dos pantanos que abracavam a cidade, a musica cessava, e apenas o som viscoso da morte preenchia o ar. Lá, entre as águas escuras e os ciprestes retorcidos, uma lenda nascia - uma lenda escrita em sangue, dor e carne despedaçada. Seu nome era Victor Boudreaux.

Victor era uma aberração. Nascido de um romance incestuoso entre irmãos exilados no coração do pantano, sua aparência refletia o pecado que o trouxe ao mundo. A pele manchada por deformidades, os olhos leitosos e vazios de humanidade, e as mãos - enormes, calosas, e sempre sujas de sangue - faziam dele uma criatura que as crianças sussurravam em seus pesadelos. Desde jovem, ele aprendeu que a dor era a linguagem universal, e as criaturas do pantano, humanas ou não, eram suas primeiras lições.

Victor tornou-se um assassino em série porque não sabia ser outra coisa. Ele não matava por vingança, prazer ou ganho material; ele matava porque era isso que o mundo esperava dele. Suas vítimas, geralmente desafortunados viajantes ou moradores das margens do pantano, eram encontradas em pedaços. A pele arrancada, os ossos expostos como troféus grotescos, e os corpos sempre arranjados em posturas de angústia, como se suas almas ainda clamassem por misericórdia. Ele é lembrado como o "Monstro de Carne e Lâminas", um nome que se espalhou com os ventos apodrecidos que vinham dos pantanos.

Porém, nem mesmo um monstro como Victor é imortal. Seu reinado de terror chegou ao fim em uma noite chuvosa, quando ele subestimou uma de suas vítimas. Jason Leclerc, um homem que perdeu a família para as garras de Victor, planejou

meticulosamente sua vinganca. Victor, arrogante em sua monstruosidade, nao viu o golpe vindo. Jason o atraiu para uma armadilha, uma cabana abandonada nos confins do pantano, e ali, em meio ao cheiro de podridao e o som da chuva batendo no telhado de zinco, a caca se inverteu. Jason lutou como um homem possuido por demonios. Ele desferiu golpes com uma raiva quase divina, e, finalmente, Victor foi derrubado. Mas Jason nao parou. Ele continuou a bater, esmagar e rasgar ate que nao sobrasse nada alem de uma poca sangrenta no chao.

Jason pensou que aquilo era o fim. Ele queimou os restos de Victor e abandonou o pantano, acreditando que havia destruido o mal para sempre. Mas o pantano tem suas proprias regras. Entre as cinzas do assassino, algo permaneceu. Uma energia negra, uma fome insaciavel que se recusava a morrer. Essa energia encontrou um novo receptaculo: um antigo tabuleiro Ouija, enterrado na cabana onde Victor encontrou seu fim. Ninguem sabe como ou por que, mas o tabuleiro tornou-se uma porta, um elo entre o mundo dos vivos e a entidade grotesca que Victor havia se tornado.

O tabuleiro permaneceu adormecido por anos, ate que uma familia de forasteiros - fascinada pela historia macabra da casa - decidiu compra-la. Eles eram adultos, ceticos e curiosos, acreditando que o passado era apenas uma colecao de lendas exageradas. Mas quando eles encontraram o tabuleiro Ouija escondido sob o assoalho apodrecido, eles despertaram algo que nunca deveria ter sido perturbado.

O pantano esperava. E Victor tambem.

A casa era uma estrutura decadente, afundada no isolamento do pantano. Suas janelas quebradas e paredes cobertas de mofo sussurravam segredos de horror aos que ousavam entrar. Charles e Evelyn Carter, acompanhados por seus amigos Henry e Margaret, nao se intimidaram. Para eles, a casa era um desafio, um quebra-cabeca arquitetônico a ser restaurado. Charles, um engenheiro apaixonado por construções antigas, viu potencial onde outros viam ruínas. Mas o que ele não sabia era que a casa via nele algo mais: uma presa.

Durante os primeiros dias, nada parecia fora do comum. A equipe de trabalhadores contratados para limpar o lugar reclamava do cheiro ácido que impregnava o ar e da sensação de estar sendo observados, mas Charles os dispensava como supersticiosos. No entanto, na terceira noite, Evelyn encontrou o tabuleiro. Escondido sob uma tabua solta no quarto principal, o objeto parecia emanar uma energia pulsante. A madeira estava gasta, mas as inscrições eram nítidas, como se o tempo não pudesse tocá-las. Uma aura negra parecia envolver o artefato, mas Evelyn, intrigada, o levou para a sala.

"É apenas um jogo," ela pensou enquanto colocava o tabuleiro sobre a mesa. Mas o tabuleiro não era um jogo. Era uma armadilha.

Naquela noite, o grupo decidiu experimentar o Ouija. Mesmo com o ceticismo inicial de Charles e Henry, a curiosidade venceu. As velas lançavam sombras dançarinas nas paredes enquanto os quatro sentavam-se ao redor da mesa. Evelyn colocou as mãos sobre o planchette, e o frio imediato que percorreu seu corpo foi ignorado como mera sugestão de sua mente. Quando a primeira pergunta foi feita - "Há alguém aqui?" -, o planchette moveu-se. Lentamente, mas com uma força irresistível, ele deslizou pelas letras, formando uma palavra que gelou o sangue de todos: "Victor".

Ao invocar seu nome, o grupo quebrou o selo e libertou a entidade que aguardava, faminta, do outro lado. Victor não era mais humano. Ele era uma manifestação de pura malevolência, um predador sedento por destruição. E agora, ele estava livre.

A primeira morte aconteceu na madrugada seguinte. Margaret, a mais espiritual do grupo, acordou ao ouvir um choro baixo vindo do andar de baixo. Pensando ser Evelyn, ela desceu as escadas em busca da amiga. A sala de estar estava escura, iluminada apenas pelas brasas moribundas na lareira. O tabuleiro Ouija estava exatamente onde haviam deixado, mas algo estava errado. O planchette não estava mais sobre o tabuleiro - estava no chão, apontando para a entrada da cozinha.

Margaret hesitou, mas a curiosidade foi mais forte. Ela entrou na cozinha, onde um cheiro nauseante a fez engasgar. Ao acender a luz, o horror se revelou: uma massa



pulsante de carne estava pendurada no teto, como um grotesco casulo. Antes que pudesse gritar, algo se moveu na escuridao. Garras afiadas atravessaram seu peito, arrancando-lhe o coracao em um movimento brutal. Margaret caiu ao chao, seus olhos arregalados fixos no vazio, enquanto o sangue se espalhava em pocas que pareciam formar palavras: "Eu voltei".

A ausencia de Margaret foi notada no cafe da manha seguinte. Evelyn e Henry estranharam seu desaparecimento, mas Charles, sempre pratico, insistiu que ela devia ter saído para explorar os arredores. "Ela comentou ontem sobre querer ver o pantano mais de perto," disse ele, tentando convencer mais a si mesmo do que aos outros.

Mas Evelyn sentia algo errado. A noite anterior havia deixado uma inquietacao que ela nao conseguia ignorar. Decidiu procurar Margaret pela casa, subindo para os quartos superiores. A medida que subia, um cheiro acre e insuportavel aumentava. Ao empurrar a porta do banheiro do andar superior, ela a encontrou.

Margaret estava pendurada pelo teto, presa por cordas feitas de carne trancada. Seus olhos haviam sido removidos, deixando apenas cavidades negras e vazias. No espelho trincado, uma mensagem estava escrita com sangue, em garranchos grotescos: "Ele os quer a todos". Evelyn gritou, mas ao virar-se para fugir, tropeçou em algo no chao - uma pequena tigela cheia de dentes humanos, cada um impecavelmente limpo.

O grupo comecava a desmoronar. Charles e Henry, mesmo ceticos, nao podiam ignorar o desaparecimento de Margaret e a histeria de Evelyn. Naquela noite, trancaram todas as portas e janelas, tentando criar uma falsa sensacao de seguranca. Charles, determinado a provar que nada sobrenatural estava acontecendo, decidiu investigar o tabuleiro Ouija sozinho.

Enquanto Evelyn e Henry dormiam, Charles voltou para a sala onde o tabuleiro repousava. Ele acendeu uma unica vela e sentou-se, encarando o objeto com desdem. "Isso nao passa de superststicao barata," murmurou, colocando as maos sobre o planchette. Ele perguntou em tom de desafio: "Voce e real?"

O planchette começou a se mover. Charles tentou controlar sua respiração, mas o suor escorria por sua testa. A mensagem que se formou diante dele foi clara: "Atras de voce".

Antes que pudesse reagir, uma presença o agarrou pelas costas. Unhas afiadas cravaram-se em sua carne, levantando-o do chão como se fosse um boneco de pano. Evelyn e Henry acordaram com os gritos de agonia, correndo para a sala apenas para encontrar Charles empalado na parede, seus órgãos internos espalhados pelo chão em um macabro mosaico.

Evelyn tremia descontroladamente enquanto encarava o corpo de Charles. Ela tentou rezar, mas cada palavra morria em seus lábios, sufocada pelo peso da presença maligna que parecia preenche-la. Henry, atordoado pelo horror, insistiu que fugissem. "Temos que sair daqui agora!", ele disse, puxando Evelyn em direção a porta da frente.

Mas o pantano parecia conspirar contra eles. O barco que os trouxera havia sumido, deixando apenas as águas negras e a vegetação ameaçadora. "Victor não quer que fujamos... Ele quer que terminemos o jogo", sussurrou Evelyn, seus olhos fixos no tabuleiro Ouija, que agora brilhava com uma luz espectral.

Henry tentou destruir o tabuleiro, golpeando-o com um pedaço de madeira. Mas no momento em que a madeira tocou o objeto, ele foi arremessado para trás, batendo violentamente contra a parede. Evelyn correu para ele, mas foi tardiamente. Algo invisível puxou Henry pelo chão, arrastando-o para o escuro enquanto ele gritava por ajuda. O som de ossos se quebrando e carne sendo rasgada ecoou pela casa.

Evelyn, agora sozinha, compreendeu que não havia escapatoria. Ela se aproximou do tabuleiro Ouija, sabendo que precisava enfrenta-lo. Com as mãos tremulas, perguntou: "O que voce quer?" O planchette respondeu imediatamente: "Voce".

Victor emergiu das sombras, sua forma grotesca e pulsante de carne e dor. Antes que pudesse reagir, Evelyn sentiu garras atravessarem seu abdômen. Enquanto a vida se

esvaia, ela viu sua propria alma sendo absorvida pelo tabuleiro, tornando-se parte dele.

No dia seguinte, a casa estava vazia. O tabuleiro repousava no centro da sala, aguardando por sua proxima presa.